

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*  
EDITORES — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE MAIO DE 1911

N.º 295

## Assumptos de Marinha

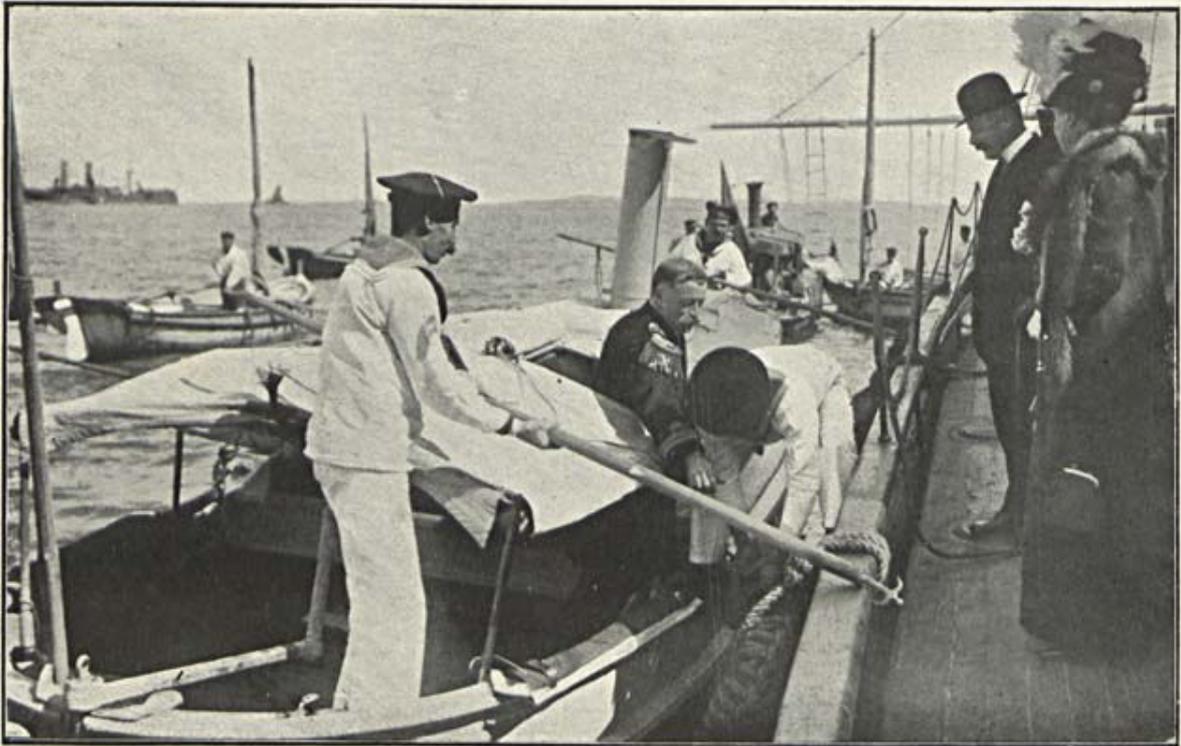
### O regresso do cruzador "S. Gabriel"



O commandante do cruzador «S. Gabriel», capitão Pinto Basto, e sua familia

(Phot. de J. Benoitel)

## ASSUMPTOS DE MARINHA — O regresso do cruzador "S. Gabriel"



O commandante do cruzador dirigindo-se para terra

(Phot. de J. Benoitel)

## A quinze dias de vista...

## Letras que não obrigam a protesto

A demonstração classica da comedia portugueza nos seculos XVI XVII e XVIII, no theatro Nacional, pelos alumnos do Conservatorio. — Uma festa brilhantissima. — Regresso do S. Gabriel da sua viagem da circumnavegação. O que foi essa viagem. — Partida do alto commissario da Republica em Moçambique. — Festas militares: juramento de bandeiras e posse do capitão Malheiro. — A reunião de prelados em S. Vicente, a proposito da lei de separação da Igreja do Estado.

**T**ODOS os annos, ao terminar a época theatral, no theatro escola do Rocio é de lei realisar-se uma recita em beneficio dos alumnos do curso de arte dramatica do Conservatorio de Lisboa. São pobresinhas essas creaturas, sendo portanto muito louvavel a disposição da lei relativa a esse espectáculo. Mas succedia sempre que a recita se realisava quando o publico já estava cansado de theatro e com uma peça estafada em successivas representações. De modo que os pobres alumnos, quando recolhiam cinco tostões por cabeça, estavam com uma d'estas sôrtes só comparaveis á que, quasi hebdomadariamente, bate á porta do cambista Campeão apoz o rebolar da bola na ex-Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

Ora este anno não succedeu assim. Succedeu exactamente o contrario. O espectáculo sorna que em nada se differencava do beneficio de qualquer carteiro no Gymnasio ou no ex-Principe Real (hoje relusente Apollo), foi substituido por um delicado, refinado sarau, cheio de bellezas e de encantos, um verdadeiro mimo d'arte organisado com grande criterio, com um grande amor pelas coisas da arte theatral e da litteratura e com uma commovida sympathia por essas pobres creanças, pobres e desamparadas, que hão de ser os artistas de amanhã — e que já vão tardando.

Foi o sr. Julio Dantas, inspector interino do Conservatorio e brilhantissimo homem de letras quem chamou a si a grata tarefa de organizar a linda recita e houve-se no commettimento de modo a exceder todas as expectativas. Por fórma, que os menos gratos a esse serviço são, sem duvida, os beneficiados monetariamente. O espectáculo em questão foi um verdadeiro serviço prestado ao theatro portuguez por um dos seus mais illustres

cultores. O governo, que lá estava representado, viu certamente isto. Mas se não viu, o que será para lastimar, viram alguns governados, e isso bonda para o caso.

Tres aspectos revestiu a linda festa: ella foi uma prova escolar auspiciosissima, uma revivescencia do theatro classico portugez e a glorificação do grande Tabora, cujo busto foi inaugurado no atrio do Nacional.

Depois de uma allocução proferida pelo ministro dos negocios estrangeiros, dr. Bernardino Machado, que se serviu da arte como abano para avivar a brasa que assa a sardinha politica, foram representadas peças e trechos de Gil Vicente, Camões, D. Francisco Manoel e Antonio José da Silva: o *Monologo do Vaqueiro*, o *Auto da Feira*, o *Auto de El-Rei Seleuco*, um acto do *Fidalgo aprendiz* e outro da *Vida do Grande D. Quixote*, sendo as representações precedidas de conferencias sobre os auctores e o seu theatro pelo



O regresso do cruzador «S. Gabriel»

O commandante Pinto Basto dando as ultimas ordens antes de desembarcar

grande poeta Lopes Vieira, (*Gil Vicente*) Lopes de Mendonça (*Camões*) e Abel Botelho (*D. Francisco Manoel*).

A demonstração classica da comedia portugueza dos seculos XVI, XVII e XVIII pelos alumnos do Conservatorio, deixou-me uma impressão gratissima. Lamento que o curto espaço de que disponho me não permita uma analyse do trabalho dos rapazes que,



O regresso do cruzador «S. Gabriel». — As familias dos tripulantes visitando o navio

commoivamente o repito, foi muito além do que eu esperava. Aqui me penitencio d'um pessimismo que, afinal, vejo agora nada justificava.

As conferencias á altura dos provados meritos de seus auctores, sobresaíndo pelo relevo litterario a do dr. Lopes Vieira, verdadeiramente encantadora.

Não quero fechar esta rápida noticia sem por ella mandar um estreito abraço a Julio Dantas, camarada eminente e bom amigo e sem consignar os nomes dos estudiosos rapazes que tanta aptidão evidenciaram n'essa festa por tantos titulos saudosa. Foram elles: Sarah Lima, Beatriz Marques de Almeida, Justino de Magalhães, Othelo Fernandes de Carvalho, Felix do Amaral, Armando Gomes de Sousa, Arthur Rosa Matheus, Marina Rodrigues, Carlos Azambuja, Ilda Ferreira, Reynaldo Azevedo, João Henriques e Joaquim Almada.

Após quinze mezes de circumnavegação, em visita aos nucleos de população portugueza espalhados pelo mundo, chegou na tarde de 20 ao Tejo o cruzador S. Gabriel, que havia largado de Lisboa a 11 de dezembro de 1909, levando a bordo os aspirantes de marinha em tirocinio.

O S. Gabriel percorreu, na sua longa viagem, todos os mares; navegou com todo o tempo, atravessou tanto as passagens mais frequentadas como os desertos maritimos, nos quaes, algumas vezes, ficou exclusivamente entregue aos seus proprios meios.

Entrou em setenta e oito portos em alguns dos quaes não escasseavam os recursos; n'outros em que, para tudo faltar, nem ao menos existiam balizas da entrada, perigosa e difficil. Visitou os mais variados paizes pelo clima, pela raça, pela produção, pelo desenvolvimento do commercio e da industria. Seus officiaes e marinheiros tiveram occasião de visitar os estabelecimentos scientificos e militares de paizes diversos, taes como as escolas navaes do Brasil, Chile, Argentina, Japão e California; os observatorios meteorologicos e magneticos de todo o mundo, arsenaes, etc.

Nas nossas colonias informaram-se dos problemas que lhes dizem respeito, avaliaram os recursos com que podem contar, aquellas cuja exploração é possível, o seu progresso, a sua riqueza e, pela comparação com as colonias estrangeiras que o navio visitou, avaliaram tambem do seu grau de adeantamento, do que n'ellas ha de bom e mau, adquirindo assim muitos e solidos conhecimentos da maior utilidade.

Em 24 partiu precipitadamente para Moçambique o alto commissario da Republica n'aquella provincia ultramarina, sr. dr. Azevedo e Silva, distincto e conceituado advogado nos auditorios de Lisboa.

O alto commissario seguiu no S. Gabriel até á Madeira, onde embarcou n'um vapor do Union Castle Mail que seguiu logo para a Beira.

A precipitação da partida, que estava marcada para mais tarde, foi devida a acontecimentos graves em Lourenço Marques que não são conhecidos em detalhe.

Que o alto funcionario da Republica seja muito feliz na sua missão!

Muitas festas militares. Com o regresso dos recrutas até ha pouco em instrucção nas respectivas escolas praticas, coincidem as cerimoniaes de juramento de bandeiras, que tem revestido um caracter especial, este anno. A de infantaria 5, nomeadamente, foi muito brilhante.

Tambem em infantaria 16 houve festa de singular relevo por occasião da apresentação do official do mesmo regimento, capitão Augusto Rodolpho da Costa Malheiro, o alferes Malheiro da revolta do Porto. Presidiu o ministro da Guerra que fez um discurso adequado ao acontecimento. Malheiro recebeu uma mensagem dos seus camaradas e um estojo de escriptorio, em prata, dos sargentos do regimento.

Falou, tambem, muito commovido, o homenageado, seguindo-se o acto de posse.

Após a publicação da lei da separação da Egreja do Estado houve no paço de S. Vicente, residencia do Patriarcha de Lisboa, uma reunião magna dos prelados do continente, que resolveram protestar contra a lei e prescindir das pensões e usufructo de propriedades que pela mesma lhes é concedida.

E mais não consta do canhenho a que me reporto.

CAMARA LIMA.

Uma mulher muito ciumenta, examinando o livro de contas do marido e vendo lançado «uma camisa 207.000 réis» exclamou: — Supponho que dentro estava a costureira.



O regresso do cruzador «S. Gabriel». — Matando saudades depois de 16 mezes de ausencia

(Phot. de A. C. Lima)

# Contra a lei de separação da Igreja do Estado

## Reunião do clero no Paço de S. Vicente



Sahindo de S. Vicente. — Padre Santos Farinha, prior de Santa Içabel, padre Marques, prior de Alcantara, padre Boim, prior do Lumiar, e padre Castro, coadjutor das Mercês

### Por mal

Consultei a minha alma conturbada  
Na doce comoção do seu encanto,  
E perguntei: — Se assim lhe queres tanto  
Porque desejas vê-la tão mudada?»

A graça do seu rosto, delicada,  
A sua voz, suave como um canto,  
O seu cabelo escuro, um denso manto,  
Esse altivo perfil, já não te agrada?!

Eu só lhe adoro o espirito formoso;  
Mas no seu corpo esbelto, vigoroso,  
Detesto a mocidade triunphante...

Quero-lhe mal; teria extranho gozo  
Fazendo-a sofrer, chorar bastante...  
E' tão perto de mim... E' tão distante!

V — 1911.

J. DE OLIVEIRA SIMÕES.

### Quem me ama me segue

Philippe VI de Valois, mal tinha subido ao throno de França, quando irrompeu a guerra contra os Flamengos. Como os seus conselheiros não quizessem approvar essa guerra pela qual Philippe mostrava tanto ardor, o rei voltou para Gaucher de Châtillon um d'esses olhares que parecem supplicar ordenando,

— E vós, senhor condestavel, disse Philippe, que pensaes de tudo isso? Achaes que seja preciso esperar um tempo mais favoravel?

— Sire, respondeu o guerreiro, para quem tem boa vontade, o tempo está sempre favoravel.

O rei a estas palavras levantou-se transportado de alegria e

correu para o condestavel a abraçal-o. E exclamou: — *Quem me ama me segue.*

Saint-Faire que conta o facto, pretende que foi essa a origem d'esse proverbio; mas a verdade é que o caso apenas teve a sua applicação. O proverbio, com effeito, já existia muito antes, por isso que Virgilio já o dá n'este verso da terceira ecloga:

«*Qui te, Pollio, amat, veniat, quo te quoque gaudet.*»

A verdade é que esse proverbio remonta aos tempos de Cyro que exortava os seus soldados dizendo:

— *Quem me ama me segue.*



Reunião do clero no Paço de S. Vicente  
M. senhor Gonçalves Couto, prior de Santo Estevam

(Phot. de J. Benoliel)

# FIGURAS ANTIGAS

II

— Ora se havia de cá faltar a benzelhona!  
 — Mas, senhor reitor, olhe que foi a quem eu ouvi as palavras do baptismo? Aquillo tem muito anno e muita virtude! E' uma cabeçinha cheia de muita sabedoria!...  
 — Não ha duvida — escarneceu o velho reitor com bonhomia — uma doida que acredita em D. Sebastião!...  
 — Lá isso, doida, é como quem diz!...  
 — Aposto que tambem acredita?  
 — Eu cá vou com os antigos. Dizia meu avô Agostinho que El-Rei D. Sebastião ainda é vivo, e que ha-de vir com uma espada a fazer uma guerra tam grande, tam grande, que para as pessoas que cá ficarem ham-de chegar as nagalheiras do pão.  
 — E ainda tardará muito? sorriu o Padre Januario, ateiando a fogueira com uns ramos de zimbros.  
 — Isso não sei. Mas que elle ha-de vir, isso ha-de. Ainda outro dia o Manuel Florencio que andou na guerra dos pretos, lá p'ras costas d'Africa, me esteve a contar umas coisas...  
 — O quê?! Tambem esse?!  
 — O senhor reitor ri-se?! Pois olhe que é um rapaz ás direitas, verdadeiro, valente como as armas, destemido como os primeiros! Vem de lá com um hombro crivado de balas, e no dia em que lhe pregaram no peito a medalha grande que agora põe na gola da vestia, aos domingos, fez chorar todo o regimento!  
 — Oh! João! Por quem és!... protestou o sacerdote commodamente — Deus me livre de tirar um pello ao rapaz!  
 — Foi um heroe, senhor reitor! E então amigo das nossas terras nem é bom fallar! Ainda hoje se lhe arrazam os olhos de alegria ao lembrar-se das saudades que por lá teve!...  
 — Bom rapaz, João! Bello rapaz!  
 — Olhe que me contou elle que quando andava na guerra da Africa nunca chegava ao alto de um monte que não puzesse os olhos e o coração no alto da nossa serra!  
 — Então ella vê-se de tam longe?...  
 — E' que por modos, senhor reitor — e o João Marques er-



Reunião do clero no Paço de S. Vicente  
 Os priores de Santa Catharina e dos Olivaeas

gueu o braço para a montanha — Deus fez a nossa serra tam alta, que pode ver-se de todas as bandas do mundo!...

Nos olhos bondosos do velho sacerdote, passou uma lagrima de commoção.

— Grande rapaz esse valente Manuel Florencio! Nem sei como elle quiz voltar. Ao que ouvi na cidade até o queriam fazer sargento?

— Foi porque elle não acceitou, lá isso é verdade. O senhor reitor bem conhece o dictado: «passarinho da serra d'Estrella lá se cria, lá se deseja». E olhe que só fez bem. Quando chegou es-



Reunião do clero no Paço de S. Vicente. — Padre Garcia Diniç,  
 prior da Encarnação, e o prior dos Martyes

tava amarellito, chupado, a tremer das febres, e agora tomou cor que deita saude por todos...

O padre Januario interrompeu-o bruscamente levantando a mão em signal de silencio.

— Não ouves?

Os ventos espalhavam na serra, com rythmo e plangencia, as badaladas de um sino longinquo.

Ergueram-se para distinguir melhor.

— Sam os nossos sinos — certificou o pastor, tristemente — Quem morreria?

— Talvez a mãe do Aniceto. Sacramentei-a hontem... E o reitor dirigiu-se para a montada, resando baixo o *Pater Noster*.

Perto d'elles, subido a um penedo d'onde vigiava o gado, o João Marques avistou o filho, de chapéu torcido debaixo do braço e as mãos postas em oração.

— Não ha duvida, senhor reitor, é o nosso sino... confirmou o pastor, acenando ao Agostinho para se vir despedir.

— E o bom padre Januario montou a cavallo, na caridosa pressa de ir levar o conforto das suas posses e das suas palavras á pobre familia enlutada.

— Adeus, João. Vê, agora, se te esqueces de mandar o rapaz á Igreja?

— Lá p'ró verão, p'ra festa dos moços...

— Pois manda, homem, que até parece mal um rapaz de quatorze annos não conhecer as ruas nem a Igreja da nossa aldeia.

— Adeus... Adeus...

— Só mais um instantinho, senhor reitor?

E apontou o filho que corria a despedir-se.

— Deixa lá o rapaz, João. Estou com pressa... E desconfio muito d'aquellas nuvens...

O pastor observou a atmospheria. Em seguida introduziu o dedo na bocca e retirou-o fumegante, expondo-o ao ar para saber de que lado estava o vento.

— Vá descansado que não é hoje que chove...

E o padre Januario esporeou a montada, depois de ter abençoado o pequeno Agostinho.

Na manhã seguinte, á hora de abrir a cancella do bardo para o reposto, o João Marques sentiu os intestinos picados por uma dôr agudissima.

— Mal me vae o dia, filho! — gemeu tentando sentar-se na palha do leito — Parece que as bruxas me estão a arrancar as tripas! . . .

E recahiu na palha da choça, envolvido na manta, a contor-



Reunião do clero no Paço de S. Vicente. — Padre Ribeiro Cabral, prior do Coração de Jesus

cer-se, a ennovellar-se, desesperado como uma serpente a quem o viandante partisse a espinha.

— Raio de colica! Nem que tragasse brasas! . . .

E apertava o ventre nas mãos, recalçando-o para attenuar a dór.

Mas as faces cavavam-se, a tez esverdeava e o sofrimento recrudescia, dificultando-lhe a respiração e a fala.

— Jesus! Parece que já sinto a morte a apertar-me as gólas!



Reunião do clero no Paço de S. Vicente. — Prior da Graça

Os gritos do Agostinho, lavado em lagrimas, e os balidos do gado encerrado no bardo, com fome, agulhoavam-no mais.

— Vae, filho! Corre a chamar tua mãe! . . . Que venha tambem o senhor reitor p'ra confissão! . . . Depressa, Agostinho, depressa! . . .

Conseguiu sentar-se na cama, arquejante, a comprimir o abdomen, enquanto o filho, de olhar vacillante, procurava ao longe o ignorado caminho que devia seguir para chegar a casa dos paes.

O João Marques comprehendeu aquelle olhar indeciso, afflicto.

— Ai filho! que isto até parece um castigo de Deus! . . .

Mas, de repente, ouviu-se o som do bronze que o pae lhe ensinara a distinguir dos sinos dos outros povoados, e o Agostinho, descalço e sem chapéu, correu pela serra abaixo seguindo aquelle som que lhe vinha de encontro aos ouvidos para lhe dizer o caminho.

Para uma legua já o breve repique do sino lhe dera orientação, mas, ao chegar á crista do monte por cima do qual ouvira passar as vibrações sonoras do bronze, parou desanimado, olhando, na sua frente, valles e reconcavos sem trilho, á espera que o som do sino voltasse, á tarde, para continuar o caminho.

Foi rapido este momento desesperado, porque o sino reboou de novo, agora mais plangente, em badaladas tristes e compassadas.

De novo o Agostinho deitou a correr ao encontro d'aquelle



Reunião do clero no Paço de S. Vicente. — Conego Botelho, reitor do seminário de Santarem

sino que cada minuto adinhava mais proximo, logo atraz das lombas dos montes que lhe ficavam perto.

De quando em quando, parava, sentava-se exausto, á espera que mãos piedosas se succedessem pelo dia adiante a fazer signaes em suffragio da mãe do Aniceto que morrera na vespera.

Ao entrar na aldeia com o fato esfarrapado do matto, e os cabellos intensos, emmaranhados nos hombros e na testa, a gottejar lagrimas e suor, estava, á porta da defuncta toda a povoação vestida de luto, recolhida e silenciosa, recebendo as fatias do pão da caridade, distribuidas em grandes açafates, enquanto o reitor, dentro da casa da morta, lhe encommendava o cadaver.

— Vómeçs nam me dizem onde mora aqui minha mãe? perguntou alto o Agostinho, passando por entre duas alas de homens com cirios accesos.

Na multidão silenciosa fez-se um movimento de curiosidade que a fez convergir á roda do pequeno pastor.

— Mas quem é tua mãe? perguntou alguem.

— E' minha mãe. . .

— Como se chama?

— Minha mãe. . .

O filho do João Marques olhava á roda, na esperança de encontrar alguem que o reconhecesse.

— E teu pae? Quem é teu pae? Como se chama?

— Meu pae está a morrer na serra!... respondeu n'um grande soluço.

N'este momento vinha o reitor sahindo a porta da defuncta, cantando os primeiros versinhos do *Miserere* no meio dos gritos angustiosos com que a familia se agarrava ao esquite para o ultimo beijo.

Quando chegou ao fundo da escadaria, já a mãe estava, desolada, com o pequeno serrano, promettendo-lhe correr á serra, apenas terminasse o enterro.

Só tarde, quasi ao pôr do sol, o reitor, a Luiza Barbara e o Agostinho, puderam chegar á choça do João Marques, que encon-

traram já bom, sentado na palha, tendo ao lado uma ferrada de leite onde migava, com a navalha, umas sopas formidaveis de pão centeio.

— Pois sempre foi um raio de uma colica, senhor reitor!... disse o João Marques erguendo-se de chapeu na mão.

— Fome, fome é que isso foi!... gargalhou o padre Januario emquanto Luiza e Agostinho choravam de contentamento.

E sentaram-se todos a comer e a commentar a doença, concordando os trez, contra o reitor, que aquillo só podia ser bruxedo que entrara nas tripas.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

## Partida para Lourenço Marques do alto commissario da Republica em Moçambique



A bordo do «S. Gabriel». — O dr. Azevedo e Silva, alto commissario, e algumas das pessoas que assistiram á sua partida

(Phot. de J. Benoit)

## RABUGICE

(N'um album)

Quanto eu tinha as viçosas primaveras do dono d'este escrínio de poesia, era um pessimo poeta das chimeras que são a luz dos antros d'esta orgia.

Os albuns já se usavam n'essas eras que tão longe vão já!... mas a magia, as ardentes paixões, fortes, austeras, não eram como são as de hoje em dia.

O album era um amigo, um confidente que em si guardava a dor do padecente como um crystal o aroma de um veneno.

O album é hoje um luxo, um *chic* inutil, em que o poeta nos conta, chocho e futil, como é que amava... quando era pequeno.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## A Vida

Abri meus olhos ao raiar da aurora e parti. Veio o sol e então segui-a... a sombra, que eu julgava guiadora, a minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio-dia escondeu-se-me aos pés a sombra; agora se volvo o olhar onde passei outr'ora, vejo a seguir-me, a sombra que eu seguia.

A gente é o sol d'um dia; sobe, avança, passa o zenith e vae, na immensidade, apagar-se no mar, onde se lança...

E a vida é a propria sombra; meia idade somos nós que a seguimos e é — *esperança*; depois segue-nos ella e é — *saudade*.

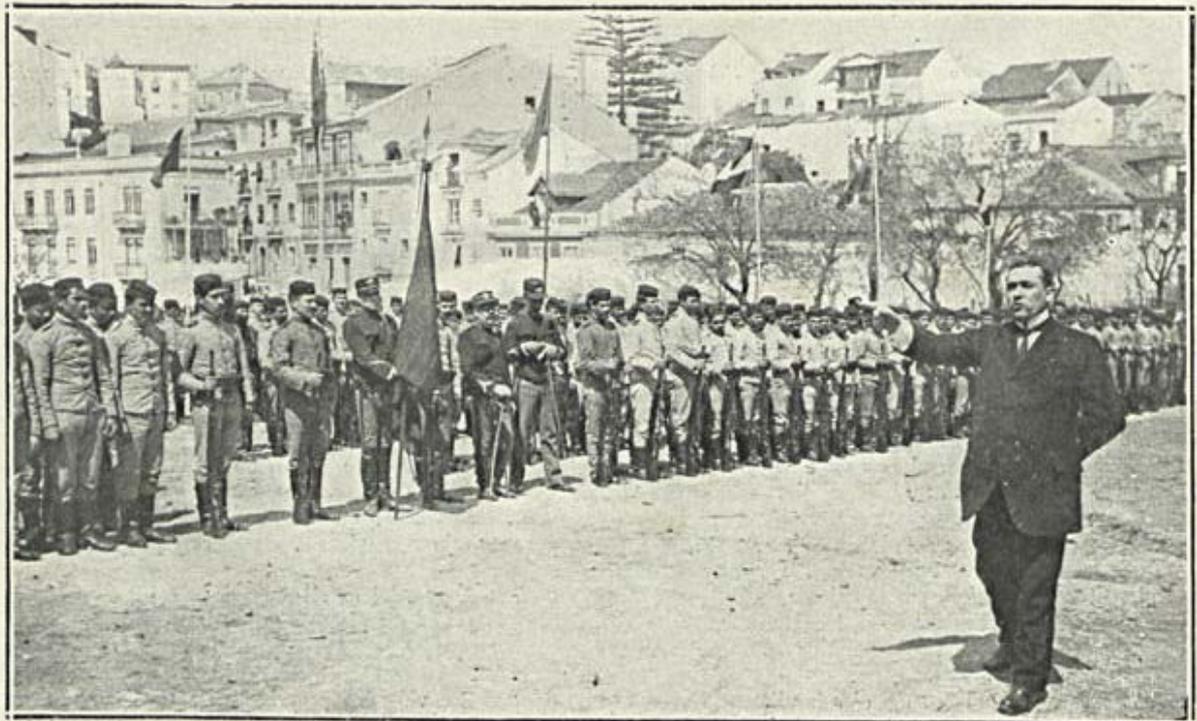
FERNANDO CALDEIRA.

# Assumptos militares

## Juramento de bandeira no regimento de infantaria n.º 5

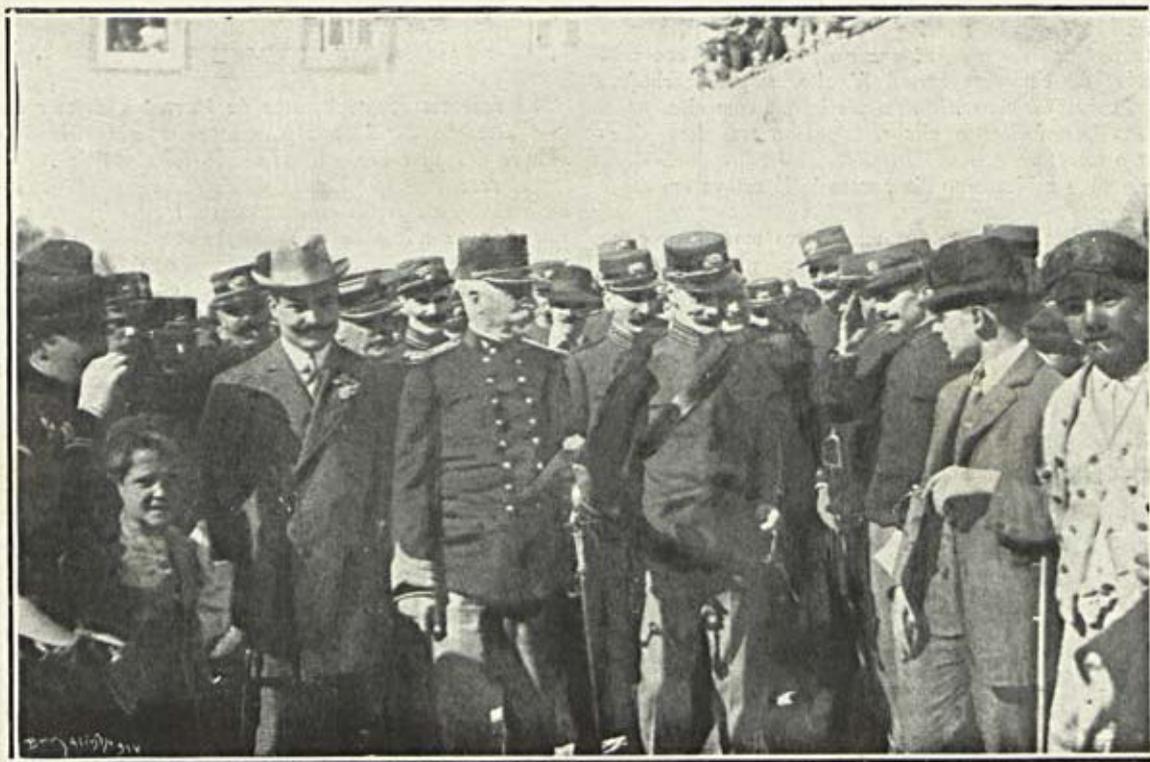


*A cerimonia do juramento*



ASSUMPTOS MILITARES. — Juramento de bandeira no regimento de infantaria n.º 5  
*O capellão do regimento fallando aos soldados*

*(Phot. de A. C. Lima)*



**ASSUMPTOS MILITARES.** — No regimento de infantaria n.º 16  
A apresentação do antigo alferes Malheiro, da revolta do Porto, ha pouco promovido a capitão

(Phot. de J. Benolie)

## Piedade filial

O Brochado veiu rapazito para o Rio de Janeiro e saltou ali com o pé direito, porque arranjou logo emprego e, dois annos depois, estava primeiro caixeiro, com magnifico ordenado e caderneta na caixa economica.

Considerava-se feliz; só uma coisa o affligia: a saudade do pae, que deixára na aldeia.

Um dia em que, passando por uma loja da rua do Ouvidor, viu exposto um retrato a oleo, lembrou-se de mandar pintar o do velho, a fim de pendural-o defronte da cama. Não podendo ter perto de si a pessoa, teria ao menos a imagem de seu pae!

O Brochado informou-se da residencia do pintor e foi ter com elle.

— Vinha pedir-lhe que me pintasse o retrato do meu pae.

— Com todo o gosto.

— Mas não queria coisa que me custasse mais de trezentos mil réis. E' quanto posso pagar.

— Está dito! Esse não é o meu preço, é muito barato; mas como o sr. não pode pagar mais, paciencia! Onde está o sr. seu pae?

— Em Portugal.

— Ah! está ausente? E' pena, porque não gosto de fazer retratos senão deante dos respectivos modelos. Emfim, como não ha remedio...

— Faz o retrato?

— Faço. Queira mandar-me a photographia.

— Que photographia?

— Do sr. seu pae.

— Oh! não tenho photographia.

— Tem então um desenho? Um retrato qualquer do sr. seu pae...

— O retrato vae o sr. fazer-m'o.

— Mas o sr. não tem outro do qual eu possa copiar o meu?  
— Não senhor; se eu tivesse o retrato do meu pae, não lhe encommendava outro; bastava-me um!...

— O sr. suppõe que eu seja um telephotographo?

— Um que?

— Como quer o sr. que eu faça o retrato de uma pessoa que não conheço, que nunca vi e que não está presente?

— Dar-lhe-hei todas as informações necessarias.

O pintor comprehendeu então que especie de homem tinha deante de si, e logo pensou em não perder os trezentos mil réis que estavam ganhos.

— Pois bem, disse elle, vamos ás informações...

— Meu pae chama-se Francisco Brochado.

— O nome não é preciso.



**Padre Francisco José Patricio**

(† no Porto a 7 de Abril de 1911)

O padre Francisco José Patricio, que algumas vezes honrou com os seus artigos as paginas d'esta Revista, foi um distincto orador sagrado e um escriptor de merecimento.

Nasceu no Porto a 10 de Janeiro de 1850 e terminou o curso do seminario em 1871, ordenando-se como presbytero em 1873.

Os seus sermões nas exequias de D. Luiz I, celebradas em Lisboa, no Porto e em Lamego, o elogio de Silva Porto e o que recitou por occasião da entrada de Garrett, nos Jeronymos, são peças oratorias que ficaram notaveis.

Como escriptor dedicou se principalmente a estudos de investigação historica e archeologia.

O padre Patricio foi socio de varias sociedades scientificas, foi deputado varias vezes, e era condecorado com a ordem de S. Thiago e agraciado com diversas condecorações estrangeiras.

Que descance em paz o illustre collaborador do «Brasil-Portugal».

## MARROCOS

— E' viuvo.

— Adeante.

— Tem coisa de cincoenta annos. E' alto, magro, barbado, louro e corta o cabelo á escovinha. Eu pareço-me com elle.

— E' quanto basta, disse o pintor. D'aqui a tres dias póde mandar buscar o retrato.

O Brochado filho sahiu, e no dia aprazado lá estava em casa do artista.

— Ali tem seu pae, disse este apontando para um retrato que estava no cavalleto.

O Brochado approximou-se, teve um gesto de surpresa e levou muito tempo a olhar para a pintura.

Depois, as lagrimas começaram a deslizar-lhe pela face.

— Que tem o senhor?... por que chora? perguntou o pintor.

E o pobre diabo, com a voz embargada pelos soluços, exclamou:

— Como meu pae está mudado!...

ARTHUR AZEVEDO.

Os recentes acontecimentos de Marrocos chamaram de novo a attenção da Europa para este imperio africano onde para sempre desapareceu o nosso ultimo rei cavalleiro.

Marrocos é quasi desconhecido porque são muito raros os christãos que se tem aventurado em longas jornadas para o interior, porque n'isso ha risco imminente de vida; a população, extraordinariamente fanatica e má, não os poupa, e se por acaso os viajantes regressam com vida, trazem, pelo menos, na sua conta corrente, uma série de vexames inauditos.

A auctoridade do sultão não é acatada n'uma grande parte do paiz, no qual por isso reina permanentemente a desordem, principalmente nas cabildas que, residindo nos confins do imperio, se julgam, e estão de facto, ao abrigo de qualquer acção energica das tropas imperiaes.

Marrocos foi conquistado no seculo VII pelos arabes que, vindo da Asia, invadiram e submeteram todo o norte da Africa.

## Uma recita classica no Theatro Nacional



Grupo de alumnos do Conservatorio que tomaram parte na recita

(Phot. de J. Benoliel)

## Anecdotas

Calino, em punição de um delicto qualquer, é condemnado a trinta dias de cadeia.

O seu advogado informa-o que tem um praso de seis mezes para se constituir prisioneiro.

— Nada! exclama o nosso amigo, quero ir já para a cadeia, afim de aproveitar os dias mais curtos do anno.

Um mendigo a um avarento:

— Meu bemfeitor, uma esmola pelo amor de Deus! A miseria bate-me á porta.

— Pois não lh'a abra.

Conta-se que Okba, filho de Nafé, conquistado o territorio marroquino, chegára as praias do Atlantico, e invocando Allah, metter a cavallo pela agua dentro e exclamara: «Se não fosse este mar, iria até ao mais remoto occidente e destruiria tudo que não crese em ti!»

Ao paiz conquistado deram os arabes o nome de Moghreb-el-Aksa, que quer dizer — extremo occidente — poente longinquo — nome por que ainda hoje é conhecido entre elles.

Os arabes constituíam n'esse tempo um povo com uma civilisação muito adiantada. Distinguiam-se sobretudo nas sciencias mathematicas, astronomia, cosmographia, etc.

Conquistado todo o norte da Africa passaram á península hispanica, na qual dominaram por muitos annos, sendo expulsos do seu ultimo reducto, Granada, sómente nos fins do seculo XV.

O imperio de Marrocos foi, como se sabe, o objectivo da primeira empreza ultramarina dos portuguezes, que conquistaram Ceuta em 1415, no reinado do Mestre d'Aviz, conquista que mais



UMA RECITA CLASSICA NO THEATRO NACIONAL. — O auto do Rei Seleuco  
*A entrada do rei*

tarde, já no reinado de D. Duarte, foi paga extremamente cara com a derrota da expedição a Tanger e com o sacrifício do infante D. Fernando, o infante santo.

D. Affonso V, que se seguiu no throno e que a Historia cognominou Africano, desembarçou-se dos cuidados dos descobrimentos maritimos, iniciados por seu tio o infante D. Henrique, concedendo

por arrematação o privilegio de descobrir terras a um particular, e entregou-se de alma e coração ás expedições a Marrocos, conquistando successivamente varias praças, Alcacer Ceguer, Arzilla e Tanger, e sonhando a conquista do imperio inteiro, que todavia não pôde realizar.

E quem sabe se os destinos de Portugal não teriam sido me-



UMA RECITA CLASSICA NO THEATRO NACIONAL. — Uma scena do D. Quichote

(Phot. de J. Benoliel)

lhores, se os successores de D. Affonso V tivessem trocado as glorias maritimas de tão ephemos resultados e pesados encargos, pela continuação do plano de conquista d'aquelle heroico monarcha?

Não succedeu, porém, assim. Não só não proseguiram na execução d'aquelle plano, mas ainda D. João III abandonou aos mouros algumas das praças conquistadas, ficando-nos Tanger, que mais tarde, no reinado de D. João IV, foi dada em dote á infanta D. Catharina, por occasião do seu casamento com Carlos II, de Inglaterra, e Mazagão, praça fundada pelos portuguezes, que por fim tambem foi abandonada no tempo do marquez de Pombal.

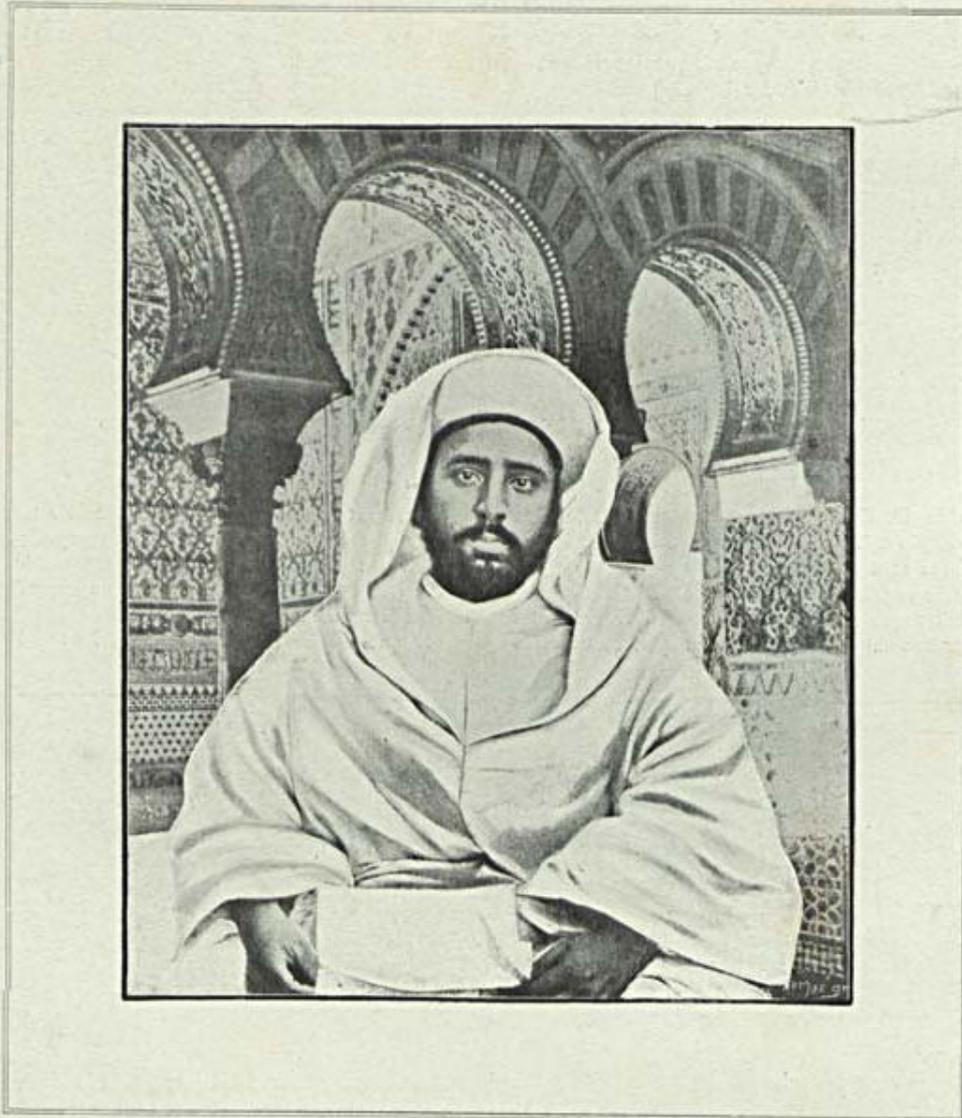
O plano marroquino resurgiu na mente de D. Sebastião, mas falhou desastrosamente na derrota de Alcacer-Kibir.

cluindo ainda nos seus limites uma porção do deserto do Sahará, com alguns oasis. A sua superficie mede 154.500 milhas quadradadas, calculando-se que tenha uma população de 6 milhões de habitantes, incluindo 5.000 europeus, 150.000 judeus e 200.000 negros.

A terra é d'uma grande fertilidade, especialmente na vertente do Atlantico e no Riff, cidadella de tribus berberes, com uma extensão de 2,5 kilometros, dominando o litoral mediterraneo, junto do estreito de Gibraltar, e coberta de magnificos pomares e numerosas aldeias. Riff, quer dizer — *terra bem cultivada*.

A paisagem offerece uma flagrante semelhança com a do nosso Algarve. Todas as culturas d'esta nossa provincia dão-se magnificamente em Marrocos; não se cultiva, porém, alli a vinha,

## A guerra civil no imperio de Marrocos



A ultima photographia do sultão de Marrocos, Muley Abd-el-Hafid

Interesses historicos nos ligam, pois, ao imperio de Marrocos, onde ainda hoje se nos deparam a cada passo vestigios do nosso dominio e que por mais de dois seculos foi theatro de brilhantes e heroicos feitos dos nossos antepassados. A defeza de Alcacer Ceguer, de Mazagão e d'outras praças, são paginas da nossa historia que fazem vibrar de orgulho a alma portugueza.

O imperio marroquino é cortado a meio, de sudoeste a nordeste, pela cordilheira do Atlas, com picos altissimos dos quaes o mais elevado, o Ayaskin, coberto de neves eternas, assim como outros, mede 4.700 metros de altura. O paiz é, portanto, muito montanhoso, mas conta tambem numerosas e vastas planicies, in-

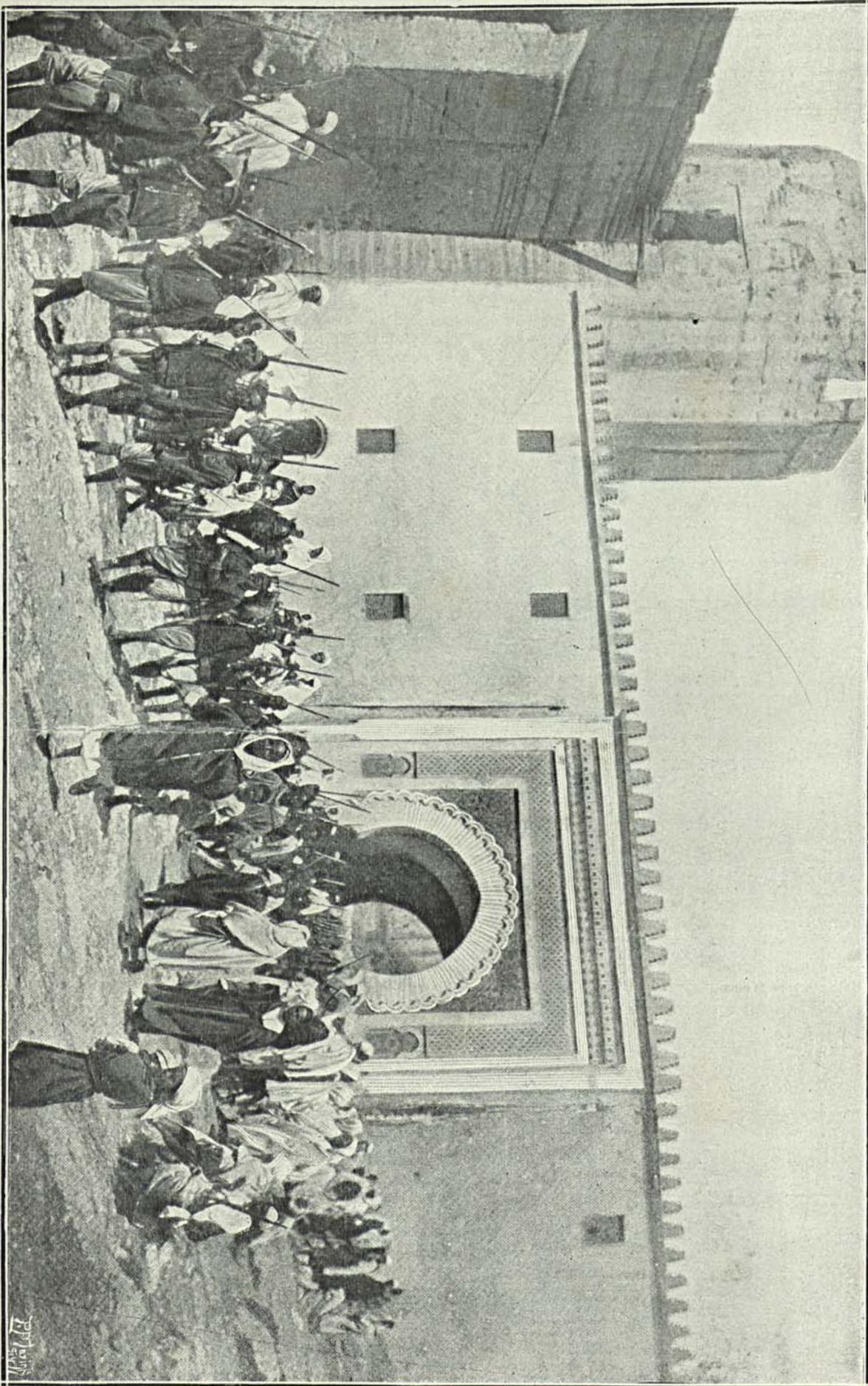
porque os mouros não consomem o producto cujo uso lhes é vedado pela religião que, como se sabe, é a musulmana.

Teem tambem algumas das culturas dos paizes quentes, porque o interior de Marrocos é bastante mais quente que o Algarve, por influencia da proximidade e dos ventos do deserto do Sahará.

O aspecto exterior das cidades e povoações é muito risonho, com as casas todas muito bem caiadas, sobrepondo-se os terraços uns aos outros e dominando tudo os altos minaretes das mesquitas; no interior são, porém, em geral, d'uma immundicie repugnante.

A capital do imperio é Fez, cidade de 140.000 habitantes. Outr'ora foi muito florescente. Sob os Almohades contava

# A guerra civil no imperio de Marrocos



As tropas imperiaes sahindo da praça d'armas do palacio do sultão para combater as cabildas rebeldes que cercam a cidade de Fez

500.000 habitantes e orgulhava-se de possuir duas mesquitas, uma das quaes era a maior e outra a mais bella do Islam africano.

Hoje a cidade mais importante é Tanger que possui um vasto porto, bastante desabrigado, é certo, como todos os portos da costa marroquina do Atlantico, e hoteis muito rasoaveis para alojamento de viajantes europeus.

Não escapa, porém, á regra da immundicie. As ruas são muito estreitas e tortuosas, muito mal empedradas, sujas e, de noite, muito escuras, porque a illuminação publica é progresso que ainda alli não chegou.

Ao pôr do sol fecham as portas da cidade e a nenhum habitante é permittido sahir depois d'aquella hora, sob pena de castigo severo para elle e para o guarda. E' todavia relativamente facil obter auctorisação para a abertura da porta que dá para o mar para serviço dos tripulantes de algum navio que esteja no porto.

Dois terços, approximadamente, da população de Marrocos descende das tribus berberes e um terço dos arabes invasores. Vencedores e vencidos tem-se cruzado, porém, extraordinariamente, abundando tambem os cruzamentos com negros do Soldão. A côr escura, um pouco bronzeada, domina por isso na população marroquina, havendo tambem muitos de côr preta, provenientes dos ultimos cruzamentos a que alludimos.

Os que, porém, conservaram o typo arabe dos invasores e que,

nas suas correrias. Fazem sobre os cavallos, n'um galope desenfreado, habilidades de muito mais difficil execução do que as que estamos habituados a ver nos circos.

A Casa Branca, nome posto pelos portuguezes a uma povoação que antigamente se chamava Anfa, quando em 1515 a reconstruíram, depois de a terem arrasado e conquistado em 1468, tem nos ultimos annos attingido um grande desenvolvimento commercial. Destruída em parte pelo terramoto de 1755, que assolou Lisboa, teve desde então até ha poucos annos uma vida difficil.

Os mouros dão-lhe hoje o nome de Dar el-Beida.

---

## Gounoud e o Evangelho

---

Gounoud ajudava uma vez á missa em Paris ao Reverendo Dulong de Rosnay.

Durante a leitura do Evangelho, elle ficou junto do padre. Acabada a leitura, disse Gounoud:

— Como é bello! Dizei outra vez...

E o Reverendo Dulong de Rosnay, contando o facto, ajuntava:



A guerra civil no imperio de Marrocos.— As muralhas de Larache

como dissemos, constituem cerca de um terço da população, são magníficos typos, bem conformados, elegantes, fortes, de côr branca, barba preta, talhada em bico, olhos negros e olhar arrogantissimo.

Os mouros são polygamos. As mulheres trazem a cara tapada com um panno até ao meio do nariz, mas atravez dos lindissimos olhos negros, vivos e avelludados, é facil imaginar-se um rosto ideal.

Os mouros são muito indolentes. Dominados pelo fatalismo da sua religião teem um soberano desprezo pela vida. E' vulgar vellos sentados sobre uma esteira, no chão, á porta de suas casas, com as pernas cruzadas, fumando n'um enorme cachimbo, com os olhos mortços voltados para o céu, n'uma inconsciencia, n'uma indiferença por tudo quanto se passa em volta, que chega a arripiar.

São todos exímios cavalleiros. O sultão dispõe de onze mil homens de tropas regulares, mas conta como tropas de cavallaria irregulares a grande maioria dos homens validos do seu imperio. Quando sae de jornada para qualquer parte, cada uma das povoações por onde passa fornece-lhe uma numerosa guarda de honra d'estas tropas. E então é que é vel-os nos seus exercicios hippicos,

— Não é bem lithurgico lêr duas vezes o Evangelho: mas para satisfazer a piedade do meu pequeno acolyto, recitei-o uma segunda vez. O texto evangelico resoava aos ouvidos do artista como uma melodia celeste.

---

O moinho e o coração humano andam sempre á roda; quando não tem que moer, moem-se a si mesmos.

LONGFELLOW.

Para que dois casados sejam felizes, convém que o homem se faça mudo, e a mulher cega.

EL-REI D. AFFONSO DE ARAGÃO.

A mulher encontra sempre desculpa para as más acções que a sua belleza faz praticar.

LE SAGE.

## A ALFORRECA

FALA a lenda japoneza.

Antigamente — e quem sabe se ainda hoje! — no seio do oceano era o reino faustoso dos dragões. Por longos annos, o senhor d'este reino, o dragão real viveu celibatario, n'uma existencia descuidosa, e sabem só os deuses, e não nós, quantas noites de dissipação, em companhia de tartarugas e lagostas ligeiras de costumes, que lhe cantavam trovas ao som do *schamicen* e lhe iam servindo *saké* em ricas taças, quantas noites elle passou em travessas intimidades amorosas!.

Verdoses, que passam breve. Um bello dia, resolveu casar-se,

cutiram muito, sem chegarem a accordo, como sempre succede; consultaram-se abalisados alfarrabios de therapeutica; as barbatanas incançaveis rabiscaram um milhão de receitas milagrosas, e todas as tisanas se serviram. Baldado intento; a soberana extinguiu-se; e afinal os focinhos dos sabios, n'um tregeito de piedade e desgano, tiveram de ser francos, de declarar que a sciencia — já n'aquella epoca se enchia a bocca com a sciencia — que a sciencia nada mais podia fazer, e que um angustioso desfecho era de esperar-se.

Do seu leito de enferma, de entre os *futon*, as fofas colchas de setim, agita as tremulas patinhas a rainha; chama junto de si o esposo, e diz-lhe estas palavras ao ouvido: — «Uma só coisa me salvará: arranquem o figado a um macaco vivo, e consintam que o devore; recuperarei a saude...» — O rei não pode reprimir um gesto de surpresa, quasi de enfado, e todo se lhe irriçou o bigode

## UM CASAMENTO ELEGANTE



D. Maria Fernanda Gomes Netto Affonso de Menezes



D. Jorge de Menezes

No dia 26 do mez findo realisou-se o enlace da sr.<sup>a</sup> D. Maria Fernanda Gomes Netto Affonso, gentilissima filha da sr.<sup>a</sup> D. Belmira Gomes Netto Affonso e do sr. D. Libanio Augusto Affonso, com o sr. D. Jorge de Menezes, filho da sr.<sup>a</sup> D. Thereza d'Azevedo Menezes, já fallecida, e do sr. D. João de Menezes.

A noiva é uma senhora muito bondosa e de esmerada educação e o noivo a quem nos ligam velhos laços de amizade e de camaradagem, pois é desde ha muito collaborador assiduo das notas de «sport» d'esta Revista, reúne ás suas bellas qualidades a distincção do nascimento, descendendo das mais nobres familias de Portugal.

o bom soberano. A noiva escolhida foi uma joven dragóasita, dezeseis annos apenas, adoravel, digna pelos seus mil encantos de ser a consorte feliz de tal senhor. Explendidas foram as bodas por essa occasião, segundo consta: sem já falar na córte intima, toda a bicharia aquatica, peixes, mariscos, molluscos, todos vieram processionalmente, em cardumes, com bellos *kimonos* de sedá encarnada, offerecer seus respeitos e presentes; e foram, durante longos dias, estupendos regabofes, em danças, em musicas, em banquetes...

Mas nem os dragões escapam ás duras provações da existencia! Ainda bem um mez se não passara, quando a augusta soberana caiu doente; e taes cuidados inspirou desde logo o seu estado, que era uma lastima observar as trombas compungidas dos fidalgos, commentando baixinho, em lamentações do seu officio, o triste caso. Reuniram-se os doutores em conferencia; falaram muito, dis-

façanhudo: — «Um figado de macaco! estás louca, minha querida!...» — Ella promptamente retrucou: — «Louca, porquê? Vossa magestade esquece por ventura, que nós, o grande povo dos dragões, no mar vivemos sempre; enquanto que os macacos, muito longe d'aqui, vivem na terra, nos bosques, entre as arvores, nutrindo-se de fructos... No figado do mono alguma coisa virá que participe d'esse mundo, tão diverso, tão outro; e essa particula estranha, senhor, me salvaria!...» — E a rainha, a quem as lagrimas acodem, prosegue n'um tom reprehensivo e lastimoso: — «Uma insignificancia, um nada, pedi, e esse nada vossa magestade me recusa. Julgava merecer-lhe mais affectos. Dispa-me d'estas pompas de soberana, não as quero; dê a corôa a outra esposa, mais digna, mais formosa; consinta que volva ao ninho carinhoso de meus paes...» — A voz suffoca-se em soluços, não pôde mais proferir uma só queixa.

O rei dos dragões não queria passar, entre as damas por um dragão cruel; por demais conhecia elle os caprichos pueris do sexo fragil, mas perdoava-os, complacientemente, por systema; e sobretudo adorava a esposa, cujas lagrimas desejava poupar a todo o transe. Satisfaça-se pois o capricho da rainha. Mandou chamar a sua escrava mais fiel e dedicada, a alforreca, e disse-lhe o seguinte:— Vou dar-te espinhosa tarefa, minha velha, mas confio na tua dedicação nunca mentida; preciso que emprehendas uma longa viagem, que nades até junto da terra, e alli convenças um macaco a vir contigo a estes meus reinos; fala-lhe, para o resolves, da magica belleza d'este sitios, tão differentes dos seus, e da gentileza d'estes meus subditos felizes; mas o que eu realmente quero n'este caso, é que se arranque o figado das entranhas de tal mono e se sirva como medicamento á tua joven ama, que, como sabes, se acha em perigo de vida, a desditosa.

Lá vae, oceano fóra, vento em pópa, a alforreca, emissaria obediente e ufanosa do encargo. Por aquelles tempos, a alforreca, como qualquer bicho das aguas, era um animal gracioso, de contornos esbeltos, com cabecinha, com olhinhos, com mãosinhas e com a competente cauda titilante; e ficava-lhe tão bem o fato de marujo!... Lá vae, oceano fóra, olhar sereno e cogitador, rompendo a vigorosas braçadas a onda fria. Não tarda muito a abeirar-se do paiz onde vivem os macacos; por felicidade, um além está, um lindo mono, saltando de ramo em ramo, dependurando-se das arvores que enraizam nos penedos e se debruçam sobre o mar.— «Bons dias, senhor macaco. Eu venho aqui expressamente para falar-lhe d'um paiz longiuquo, muito mais bello do que o seu; é elle situado além das ondas e conhecido pelo reino dos dragões; alli não ha estações, é eterna a amenidade do clima; alli, nas copas das arvores repolhudas, constantemente amanhecem avelludados fructos saborosos, é colhel-os, não ha outra tarefa; para cumulo de conforto, essas creaturas malfazejas, homens chamados, não pisam taes paragens. Se lhe agrada vir commigo, eu serei o seu guia; não tem mais que fazer do que saltar d'esse tronco para cima do meu lombo...» O macaco achou gracioso isso de ir vêr novos paizes. Vá lá mais esta extravagancia á conta da bohemia simiesca.— «Ao largo, amiga!» — E lá foram os dois; porém, a meia travessia, pensou tardiamente o mono na temeridade do seu feito, expondo-se assim ao arbitrio d'um estrangeiro, e abandonando a sua patria. Decidiu-se emfim a perguntar:— «Que pensa você que vão fazer de mim na sua terra?» — A alforreca deveria agora ser discreta, encapotar as respostas em evasivas; mas ouçam lá o que ella deu em troco:— Eu lhe digo: meu amo, rei dos dragões, ordena ao senhor macaco que arranque o proprio figado, o qual vae ser servido á nossa soberana, hoje enferma, e salva-a da morte.» — Então o mono, guardando para si os commentarios que o caso suggeria, disse cortesmente que era para elle uma alta honra e um inesperado prazer tornar-se assim util a sua magestade; acrescentou, porém, que se lembrava agora de ter deixado o figado dependurado n'um tronco de arvore, aquelle mesmo castanheiro d'onde saltára para as costas da alforreca. Continuou discursando em linguagem fluente, de orador emerito, descendo a explanações minuciosas; e explicou como o figado era uma coisa bastante pesada, embaraçosa, um quasi alforge de peregrino, um empechilo que elle costumava pôr de parte durante o dia para se entregar mais á vontade aos

seus exercicios de acrobata; habitos de familia, já seu avô fazia o mesmo; e concluiu que o melhor que tinham a fazer n'este momento era voltarem para traz, e na arvore encontrariam o figado em questão.

Não pôz objecções a nadadora. Voltando á terra, o macaco saltou ao castanheiro com uma ligeireza nunca vista, nem mesmo entre macacos, acompanhando o pulo d'uma alegre careta e d'um gesto que traduzia o seu jubilo, coisa que passou estranha á alforreca. Procurou entre as folhas o seu figado. Não o encontrou. Explicou então do alto, á alforreca, que provavelmente algum companheiro o levára para longe, o que o obrigava a mais demoradas pesquisas pelo bosque; no entretanto que fosse ella contar o caso ao seu senhor, que devia estar ancioso por vê-la chegar antes da noite.

Assim procedeu o bicho.

El-rei, que a esperava, e que a escudou, enraivecido com tamanha ingenuidade— para não lhe chamar coisa mais feia — mandou logo vir um bando dos seus mais soberbos *samuriales*,

e ordenou-lhes que malhassem no bicho á pancada até cañarem. O castigo foi cumprido, e com esse vigor de braços de villões, que miram aos applausos do monarcha. E' esta a razão porque a alforreca, hoje em dia, não tem pernas, nem cabeça, nem cauda, nem barbatanas: tanta pancada levou, que ficou reduzida a esta miseria, massa informe, um farrapo, um pedaço de gelatina, boiando despresivelmente á mercê do turbilhão das vagas.

Com respeito á soberana, reconsiderando no disparate do seu capricho, concluiu que o melhor que tinha a fazer era erguer-se da cama e pôr-se boa; e assim fez com grande pasmo dos doutores.

A historia da alforreca está contada, na sua simplicidade commovente. E' veridica esta historia, como tudo que o povo relata de memoria: creia n'ella quem crê. Fica-se já sabendo no entretanto, — e é isto d'um proveitoso ensinamento, — que os japonezes tão prodigamente propensos ao perdão para tantos pecadilhos de alma e de costumes, castigam os patetas.

Diga-se francamente: esta desgraça da alforreca no paiz do sol nascente, era

inevitavel; e o caso presta-se a interessantes commentarios, que eu vou resumir em poucas linhas. Os japonezes — povo de artistas — são os grandes amadores da creação, da forma, da vida; ninguém como elles conhece os segredos da ave, do insecto, do reptil, do peixe, dos molluscos, do verme, de todos os seres da terra; a animalidade graciosa d'esses seres, estudada com percepções especiaes, que nos escapam, constitue o thema mil e mil vezes variado, dos seus primores de arte. Mas esse monstro, essa disformidade, essa alforreca que se apresenta como unica excepção da lei geral da gentileza da vida, e parece resumir em si o enfado inteiro d'um dia de mau humor do Omnipotente, devia ter deixado impressões tristes nos primeiros japonezes que a avistaram; e foi preciso arranjar logo uma explicação condigna do phenomeno, e é a que ficou descripta n'estas linhas.

E' ainda interessante recordar de passagem a aproximação, pela desdita, da alforreca japoneza, com a medusa mythologica da Grecia, não merecendo esta melhor tratamento dos deuses olympicos. Curiosa coincidência!

WENCESLAU DE MORAES.

## Colyseu dos Recreios

### Companhia de opera italiana



**Maria Galvany**

*Soprano ligeiro*